

Se liga na Rocinha!



Janeiro de 2023 - Informe nº 8 do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva
Ampliando oportunidades de educação de crianças em contextos de vulnerabilidade
Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI/PUC-Rio
Diretora: Irene Rizzini (Profª PUC-Rio/DSS) | Coordenadora Executiva: Maria Cristina Bó
Autoras: Renata Mena Brasil do Couto, Eliane Gomes e Leandro Castro
Editores: Renata Brasil, Irene Rizzini e Malcolm Bush



Na etapa atual da pesquisa de campo desenvolvida no âmbito do projeto *Primeira Infância Participativa e Inclusiva*¹, entrevistamos 20 professoras e/ou diretoras que atuam em creches e/ou pré-escolas públicas, particulares ou conveniadas² da comunidade da Rocinha/RJ. As perguntas feitas a elas relacionam os temas centrais do projeto: inclusão, participação e segurança à educação das crianças. Buscamos garantir uma diversidade no perfil dos entrevistados, mas não conseguimos localizar nenhum homem atuando como professor ou diretor nas instituições de ensino infantil pesquisadas. Por isso, todas as nossas entrevistas foram realizadas com mulheres que, na sua grande maioria, se autodeclararam negras ou pardas.

As instituições onde trabalham se localizam em diferentes partes da Rocinha e atendem entre 20 e 577 crianças de várias idades. A maioria das entrevistadas considerou que o número de professores/as que atua nas unidades é suficiente para atender a demanda dos estudantes, ainda que 6 tenham considerado o número insuficiente (4 trabalham em instituições públicas). Elas destacaram também que faltam auxiliares para dar suporte aos professores, sendo uma reivindicação que eles atuem inclusive nas turmas de pré-escola. Todas as profissionais que atuam em unidades públicas foram taxativas em dizer que nenhum valor é cobrado mensalmente de pais e responsáveis. Nas creches conveniadas, contribuições não obrigatórias de até R\$100 são solicitadas às famílias e, nas unidades particulares, os valores das mensalidades podem chegar a R\$620 para o ensino integral e a R\$350 para meio período. A grande maioria das entrevistadas disse que as instituições onde trabalham recebem esporadicamente doações voluntárias de livros e brinquedos, sendo que, nos espaços conveniados, o recebimento de doações é mais frequente.

Inclusão

Segundo as profissionais de creches e pré-escolas entrevistadas, essas instituições têm a função de incluir a todas as crianças, escutando o que elas têm a dizer, percebendo suas particularidades e permitindo sua participação nas atividades propostas, estimulando seu desenvolvimento. Ensinar sobre diversidade e preparar para a sociedade também faz parte do trabalho desenvolvido e, para isso, a participação das famílias é fundamental.

A inclusão foi especialmente relacionada às crianças com deficiências. O convívio com os colegas de turma, o uso de metodologias específicas, a presença de profissionais qualificados e a parceria com as famílias foram destaques dentre os elementos que contribuem para o aprendizado das crianças com esse perfil. Cerca de 1/4 das profissionais disseram ter percebido um aumento do número de alunos com deficiência no último ano. Em relação às barreiras para incluir essas crianças nos espaços de educação infantil, a falta de suporte profissional especializado nas salas de aula foi a resposta mais citada. Além de poder levar à evasão, a falta de mediadores prejudica o trabalho desenvolvido já que o professor não consegue oferecer o acompanhamento necessário para o aluno que apresenta alguma necessidade de atenção especial. Algumas unidades da rede pública contam com professores articuladores itinerantes vinculados à Sala de Recursos Multifuncionais³. Estes profissionais elaboram o Plano Educacional Individualizado (PEI) dos alunos que possuem laudo médico. Ainda que seja uma iniciativa considerada importante, o tempo que esses profissionais têm disponível em cada instituição é um desafio frente à demanda.

A estrutura física das creches e pré-escolas foi mencionada como um desafio para a inclusão de modo geral, pois muitos dos espaços e prédios que ocupam não foram construídos para fins educacionais. Salas

cheias e falta de apoio aos professores fazem parte da lista de obstáculos à inclusão das crianças na educação infantil. As deficiências; o preconceito étnico-racial; os limitados cuidados familiares; e a relação de algumas famílias com o mercado varejista de drogas ilegais também foram mencionados como elementos que impactam o aprendizado e o desenvolvimento das crianças. As crianças com deficiências têm dificuldade para acessar serviços especializados na comunidade, inclusive de educação e saúde. O racismo afeta a autoestima das crianças e faz com que muitas sejam vistas como sem futuro, limitando investimentos em sua educação. Alguns sofrem com conflitos familiares, privações, violações de direitos e uso abusivo de álcool e outras drogas, o que afeta sua capacidade de cuidado em relação às crianças, sendo necessária atenção especializada do Estado nesses casos. Conflitos armados podem fechar escolas e interromper ciclos de aprendizagem. A precária oferta de serviços e de políticas públicas na região, com destaque para a falta de saneamento básico e transportes de boa qualidade, também se apresenta como desafio.

Algumas medidas foram citadas como estratégias para estimular o desenvolvimento das crianças, como: ofertar atividades gratuitas no contraturno escolar, especialmente de esporte e lazer, inclusive para a Primeira Infância; provocar maior envolvimento de pais e responsáveis na educação das crianças; expandir a cobertura e o atendimento especializado nas áreas da saúde e da assistência social; e aumentar o número de vagas em creches e pré-escolas públicas, assim como ofertar horários compatíveis com a realidade das famílias. Em caráter mais imediato, algumas entrevistadas propuseram um cartão de transporte para as famílias com condições financeiras limitadas para que possam levar e buscar seus filhos em diferentes espaços; o estabelecimento de centros de apoio às famílias, para que elas possam conversar sobre a educação das crianças, inclusive em casa e na

comunidade; e a criação de Salas de Recursos Multifuncionais em todas as escolas da Rocinha para atender crianças com deficiências.

Também perguntamos às profissionais que atuam em creches e pré-escolas da Rocinha se e como a Covid-19 reduziu as oportunidades de inclusão das crianças na educação infantil. Elas mencionaram elementos que afetaram as famílias, as instituições e as crianças durante a pandemia. Desafios que já existiam se intensificaram. Famílias perderam empregos e tiveram dificuldades financeiras. A redução dos recursos públicos destinados às creches conveniadas e o fato de parte das famílias não poderem pagar as mensalidades escolares nas unidades particulares fez muitas instituições de ensino fecharem as portas. As restrições do atendimento na saúde, por conta da prioridade necessária dada aos casos de Covid-19, e os protocolos sanitários adotados, que limitaram o convívio, impactaram o desenvolvimento das crianças.

Alguns alunos sequer voltaram para a sala de aula, inclusive porque as famílias não podiam mais pagar pelas mensalidades da rede particular e/ou pelos materiais escolares solicitados pela rede conveniada. Algumas profissionais entrevistadas disseram ter percebido o aumento da demanda por vagas na rede pública de educação, possivelmente por conta do agravamento da crise econômica que veio a reboque da crise sanitária. Além disso, com o desemprego, parte dos pais e das mães optou por ficar com os filhos em casa por acreditar que creches e pré-escolas são apenas espaços para deixarem seus filhos quando precisam trabalhar ou realizar outras atividades fora do ambiente doméstico, e não como espaços fundamentais de socialização, brincadeira e aprendizagem.

Ao responderem se a pobreza pode interferir na capacidade de uma criança aprender, 3/4 das profissionais de creches e pré-escolas disseram que sim, apontando a limitação de acesso a bens e serviços como elemento central no debate. Também foram citadas: má qualidade da alimentação, que pode causar sonolência, apatia e dificuldades de concentração; e escassez de recursos para o transporte, que limita a circulação. A falta de acesso a saneamento básico e a produtos de higiene podem ocasionar doenças e a escassez de serviços de saúde pode agravar esses quadros. Diante das dificuldades financeiras das famílias e de eventuais problemas relacionais decorrentes, as crianças podem ficar agitadas, tristes ou até mesmo agressivas na escola.

Um dos elementos mais importantes para a inclusão das crianças se refere ao acesso a creches e pré-escolas. A maioria das entrevistadas afirmou que existem mais crianças precisando de matrícula do que existem vagas disponíveis. A demanda é muito maior que a oferta, especialmente nas unidades públicas. Como a educação infantil só é obrigatória a partir dos 4 anos, a creche para aqueles com idades entre 6 meses e 3 anos e 11 meses é oferecida em menor escala⁴. De acordo com as profissionais entrevistadas, as crianças com deficiências são as que têm maior dificuldade para serem matriculadas em creches e pré-escolas. Algumas mães chegam a omitir diagnósticos dessa natureza por medo de preconceito e/ou de perder a oportunidade. As vagas em berçário também são poucas na comunidade e os inscritos costumam ocupar automaticamente as turmas do primeiro ano da pré-escola.

Sobre o que poderia ser feito para aumentar o número de vagas na comunidade, a estratégia mais mencionada foi a ampliação do espaço físico de creches e pré-escolas para abertura de novas turmas. A

construção de novas unidades de educação infantil também foi citada, especialmente pelas profissionais que atuam em instituições onde o espaço físico é limitado. A realização de concursos para professores e auxiliares também foi abordada, uma vez que esse tipo de contratação é uma demanda frequente na rede pública para a ampliação e melhoria de sua cobertura.

Participação

De modo geral, para as profissionais de creches e pré-escolas entrevistadas, participação significa a criança se envolver, interagir, brincar, aprender e conseguir realizar as atividades propostas do seu jeito: ***“É interagir, é estar envolvido, fazer parte ali do grupo, em todos os sentidos.” (Entrevistada 17).*** Estar na escola não significa necessariamente participar e, por isso, cabe aos profissionais identificar e apoiar aquelas que necessitam de mais atenção para se relacionar e se desenvolver. Nesses casos, dialogar com as crianças, ouvir o que têm a dizer, pensar junto e estimular sua criatividade, por meio de atividades que despertem seu interesse e sejam prazerosas, é fundamental.

Todas as entrevistadas afirmaram que as crianças participam ativamente do seu processo de aprendizado e a “rodinha de conversa” é a forma mais utilizada para promover essa participação. Durante a atividade, as crianças interagem entre pares e com as educadoras, dialogando sobre diversos assuntos relacionados ao seu cotidiano na creche e fora dela. A concepção de que a criança deve ser protagonista em seu processo de aprendizado apareceu algumas vezes: ***“Elas têm que ser protagonistas do seu processo de aprendizagem. Eu percebo na maioria dos professores esse movimento de estimular a curiosidade, estimular o aluno a dar suas hipóteses, perguntar, questionar.” (Entrevistada 8).*** No entanto, nem sempre, criar oportunidades para que elas apresentem suas próprias propostas é algo fácil e bem recebido pelas instituições. Conforme explica uma das entrevistadas, práticas conservadoras, através das quais apenas o professor ensina e o aluno aprende, limitam o potencial das crianças. Para ela, alguns profissionais não trabalham com a concepção de que a educação infantil é um período de estímulo ao conhecimento, de descobertas, diferente do ensino fundamental.

As entrevistadas disseram que, no geral, as crianças são participativas, mas que o comportamento dos adultos e o perfil das crianças e de suas famílias costumam determinar como elas se apresentam. Alguns adultos têm dificuldades para compreender os pequenos: ***“O adulto! O adulto para mim é sempre um obstáculo. Porque a gente tem enraizado em práticas extremamente tradicionais, às vezes a gente não consegue enxergar a criança.” (Entrevistada 6).*** E alguns alunos são mais tímidos, têm problemas de autoestima, se sentem excluídos, as famílias não têm recursos para comprar uniformes e/ou materiais, têm dificuldades de interagir, etc. É preciso saber aproveitar os interesses e conhecimentos que as crianças trazem de casa e construir coletivamente o ambiente escolar. Respeitar individualidades, reconhecer potencialidades e estimular a criatividade fazem parte do rol de estratégias para aumentar a participação dos pequenos. Aqueles com mais dificuldades em sua trajetória escolar não devem ser comparados aos demais e sim apoiados para que mantenham o interesse e se desenvolvam, inclusive através de jogos pedagógicos e brincadeiras.

Em relação à participação dos pais nas creches e pré-escolas e no aprendizado desenvolvido, as

profissionais entrevistadas disseram que a maioria é ativa nas atividades propostas. As instituições costumam investir na participação das famílias, considerando sua diversidade, limites e possibilidades, promovendo: reuniões, projetos pedagógicos temáticos, eventos em datas comemorativas, conversas sobre as crianças, abordagens na entrada ou saída das instituições sobre questões pontuais, mostras dos trabalhos realizados pelas crianças e passeios. As atividades enviadas para casa orientam pais e filhos a realizar juntos desenhos, pinturas, colagens e leituras. Essas propostas mobilizam as famílias nas instituições e nas casas, estimulando esforços conjuntos pela educação.

Metade das entrevistadas mencionou a participação das famílias como algo fundamental na vida das crianças e para o trabalho pedagógico desenvolvido na educação infantil: **“Se a família não participa, a gente também percebe diferenças no desenvolvimento da criança. A criança precisa de cuidados, precisa desse olhar de todos os que estão à sua volta. (...) Na educação infantil, a participação da família é essencial.”** (Entrevistada 8). As parcerias institucionais também são importantes no processo de aprendizado das crianças. Segundo uma das entrevistadas, muitas demandas das crianças não podem ser supridas apenas pelas instituições de ensino, seja pela falta de espaço apropriado, de equipe especializada ou de recursos.

Mesmo a perspectiva geral sendo positiva, algumas profissionais disseram que nem sempre creches e pré-escolas favorecem à participação das famílias, seja porque o contato é limitado à direção ou por conta dos horários das atividades propostas. A maioria das entrevistadas apontou que os compromissos com o trabalho são os principais obstáculos para a participação das famílias. Os desafios são ainda maiores para as mães e os pais solo e para as famílias com muitos filhos. Nesses casos, o mais comum é usar a creche como um espaço de confiança para que possam deixar os filhos enquanto cumprem suas obrigações. Alguns contam com o apoio de familiares que se revezam para que as crianças não fiquem sozinhas nas atividades propostas, uma orientação comum dada pelas unidades de ensino. Outros obstáculos à participação das famílias foram mencionados, como a falta de compromisso, seriedade, maturidade e/ou entendimento acerca da importância da educação infantil. No entanto, compreende-se que muitos não tiveram oportunidades educacionais e/ou não aprenderam a valorizá-las.

Todas as profissionais de creches e pré-escolas entrevistadas responderam que existem espaços e estratégias para escutar as opiniões das crianças. Mais uma vez a “rodinha de conversa” surgiu como prática fundamental, mas também foram mencionados os diálogos durante as atividades ou ao término delas e a atenção aos comportamentos e expressões das crianças. No caso dos bebês, a observação das educadoras é essencial: **“É toda visual: os que batem palma, tentam cantar. (...) É uma forma deles demonstrarem que eles estão gostando, e quando eles não gostam, dão as costas e vão fazer outra coisa.”** (Entrevistada 4).

Embora a espontaneidade das crianças tenha sido apontada como um facilitador para a escuta, também foi dito que criar ambientes em que elas se sintam seguras e sejam estimuladas a se expressar através de múltiplas linguagens, desenhando, por exemplo, se faz necessário. O fortalecimento da comunicação não só beneficia as crianças, melhorando seu desenvolvimento, como as professoras, que podem se replanejar e tornar as

atividades propostas mais adequadas aos interesses e mais efetivas para o aprendizado dos pequenos.

Segurança

Ao serem perguntadas sobre o significado da palavra segurança em relação às crianças, a maioria das respostas das profissionais de creches e pré-escolas entrevistadas abordou dois aspectos principais: a segurança física e a segurança emocional dos pequenos. Em relação à segurança física, elas mencionaram a necessidade de atenção constante à movimentação das crianças pelo espaço, uma vez que elas correm e pulam de forma ágil e rápida. As entrevistadas disseram que as instituições de ensino investem na sua adequação e preparação para receber as crianças, por exemplo, instalando redes de proteção em portas e janelas, restringindo a circulação de pessoas estranhas à comunidade escolar, retirando obstáculos que possam provocar acidentes, utilizando mobiliário e brinquedos acessíveis e assegurando a presença de uma rede de apoio capaz de garantir sua integridade física. Em relação à segurança emocional dos alunos, as entrevistadas disseram que o afeto e a construção de um ambiente acolhedor são fundamentais para o fortalecimento de laços de confiança entre as crianças e as profissionais: **“Às vezes, a criança está meio nervosa por algo que tenha acontecido na casa dela, e o porto seguro, a segurança dela somos nós. Então, a gente tem que sempre trabalhar com muito amor, muito carinho e muito cuidado para trazer segurança a essas crianças.”** (Entrevistada 3).

As profissionais disseram que, para além de um ambiente escolar adequado, as crianças precisam estar protegidas e confortáveis nas suas casas e receber o apoio de suas famílias: **“Segurança é ela ter uma família, de onde ela se sinta bem, amparada.”** (Entrevistada 1). Elas precisam ainda de espaços seguros na comunidade, que as permitam brincar e fazer suas atividades sem riscos eminentes. Ainda sobre as respostas que extrapolaram os limites das creches e pré-escolas, destacamos a compreensão de parte significativa das entrevistadas acerca da complexidade do conceito. Elas não só mencionaram a falta de segurança pública na cidade do Rio de Janeiro como um todo, como citaram preocupações com a segurança alimentar e com a falta de acesso das crianças da comunidade da Rocinha a bens e serviços essenciais, como saúde e assistência social.

Todas as profissionais, exceto uma delas, responderam que as crianças estavam seguras nas creches ou pré-escolas. O cuidado faz parte do cotidiano das entrevistadas, que buscam acompanhar a circulação, observar e escutar as crianças como formas de protegê-las. Embora elas tenham dito que as crianças estavam seguras nas instituições pesquisadas, as profissionais também citaram preocupações em relação a questões que consideraram estar para além de suas possibilidades para resolver, como a inadequação de alguns aspectos das instalações (presença de escadas e falta de saída de incêndio), mencionada em três respostas, e os conflitos armados que ocorrem no entorno das creches e pré-escolas, sinalizados em duas ocasiões. Uma das entrevistadas afirmou que a instituição onde trabalha estabeleceu um protocolo para as ocorrências de tiroteios, quando abriga alunos e profissionais nos locais considerados mais seguros.

Ao responderem sobre a segurança das crianças nas suas casas, a maioria das entrevistadas afirmou que

nem todas estão seguras: **“A casa, que deveria ser o maior local de segurança, o tempo, o local para as crianças se sentirem mais acolhidas e seguras, nem sempre é.” (Entrevistada 3).** Elas problematizaram aspectos relacionados à dinâmica familiar (violência doméstica, violência sexual e falta de recursos), à estrutura das construções (presença de rachaduras, mofo, risco de deslizamento e desabamentos e exposição a tiroteios) e à violência na Rocinha (aumento do número de crimes e possíveis conflitos armados). Em relação à insegurança na comunidade, as trocas de tiros, que expõem toda a comunidade ao perigo de ser atingido por uma bala perdida, e o uso abusivo de drogas em locais de grande circulação, inclusive de crianças, preocupam, mas os moradores não se sentem seguros para reclamar. Também houve menção à desorganização do trânsito na comunidade, que gera risco de atropelamentos; o risco de deslizamento e desabamento em algumas áreas; e a falta de saneamento básico e de atenção em saúde para o tratamento de doenças como a tuberculose.

Apesar do cenário adverso, importante mencionar o reconhecimento de uma das entrevistadas dos esforços realizados pela comunidade para proteger suas crianças: **“Eu acho que a comunidade tenta. Tenta, porque acredita nessa coisa do pertencimento, de que apesar de toda a exclusão, de toda a falta do olhar do poder público, do estado, nós olhamos por nós, essa solidariedade orgânica é que faz a coisa não ser pior do que é.” (Entrevistada 6).**

Ao serem perguntadas o que poderia ser feito a curto prazo para que as crianças se sentissem mais seguras nas suas casas e na comunidade, a maioria das entrevistadas mencionou a ampliação e o aprimoramento de políticas públicas e o desenvolvimento de projetos sociais voltados para a infância: **“Primeiro saneamento básico que falta, acesso à luz, à água, à alimentação saudável, espaços de lazer que são quase nulos, centros culturais, mais bibliotecas, espaços pensados para criança, espaços infantis pensados para eles.” (Entrevistada 6).** Elas citaram especificamente a necessidade de construção e/ou ampliação de espaços públicos e seguros para as crianças, especialmente com oferta de atividades para os bebês, que necessitam de diferentes estímulos para se desenvolver e não encontram oportunidades para fazê-lo na comunidade.

Considerações Finais

As profissionais de creches e pré-escolas, em sua maioria, concordam que as crianças aprendem brincando, na interação com seus pares e observando seu entorno. Nesse sentido, garantir espaços seguros

para que possam se divertir e socializar é fundamental para seu desenvolvimento. A importância da participação das famílias na educação das crianças também foi destaque. Se, por um lado, reconhecem e cobram esforços de pais e responsáveis para participar das atividades propostas pelas instituições, compreendem que questões socioeconômicas podem limitar essa participação.

Embora, de modo geral, as entrevistadas avaliem positivamente o trabalho realizado, especialmente quando consideram o empenho da equipe profissional, elas reconhecem os desafios da falta de investimento público na educação e segurança das crianças. Compreendem que algumas construções não possuem estrutura adequada para funcionar como creche e pré-escola e que, por isso, necessitam de investimentos e reformas. Elas avaliam que é importante que sejam disponibilizados às crianças espaços alternativos que ofereçam atividades que estimulem seu desenvolvimento. Embora a Rocinha conte com projetos e oportunidades para as crianças, a maioria deles é inacessível para aqueles na Primeira Infância, seja por conta de sua faixa etária ou pelo custo de participação.

Ao longo das conversas, destacou-se a percepção de que algumas crianças da comunidade apresentam comportamentos amadurecidos para a idade. Cerca de 1/4 das entrevistadas considerou que as vivências locais fazem com que elas aprendam a se impor e reagir a situações de rejeição e desigualdade, ao mesmo tempo em que as submete a múltiplas situações de violência, como a exploração do trabalho infantil e o abuso: **“Olha, as crianças da Rocinha aprendem muito na raça, na força, na vontade de querer. Porque elas não têm muitas oportunidades (...). As escolas tentam dar o que elas podem de melhor, as creches, todas elas tentam, mas infelizmente muita coisa não depende só do meu, do seu querer. Tem outras pessoas por trás que deveriam estar fazendo o melhor e não fazem. Então as crianças lutam, elas matam um leão por dia para poder chegar no próximo dia. Eu gostaria que isso fosse menos, que as crianças brincassem mais, que as crianças vivessem mais como criança, entendeu?” (Entrevistada 11).**

Visando compreender os desafios enfrentados pelas crianças na Primeira Infância na comunidade e contribuir para a ampliação de suas oportunidades de educação, a equipe do CIESPI/PUC-Rio continuará ouvindo a comunidade e dialogando sobre possíveis ações que beneficiem os pequenos moradores da Rocinha. Se você quiser colaborar conosco ou saber mais sobre as iniciativas em curso, entre em contato pelo e-mail: ciespi@ciespi.org.br ou pelo WhatsApp: 21 98266 7045.

¹ O projeto é desenvolvido com apoio do UK Global Challenges Research Fund (GCRF), Reino Unido. Internacionalmente, coordenado por Kay Tisdall, professora da Moray House School of Education and Sport da Universidade de Edimburgo (Escócia). No Brasil, coordenado por Irene Rizzini, professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e diretora do CIESPI/PUC-Rio.

² As creches e pré-escolas públicas são estabelecimentos que oferecem educação infantil gratuita sob administração direta da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. As instituições conveniadas também oferecem educação infantil gratuita, mas têm gestão privada e recebem recursos da Prefeitura, de acordo com o número de crianças que atendem. As instituições particulares oferecem educação infantil por meio da cobrança de valores mensais.

³ O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço garantido a todos os alunos matriculados em turmas regulares. Ele é realizado nas Salas de Recursos Multifuncionais, no contraturno escolar, favorecendo a inclusão, complementando ou suplementando a formação dos estudantes.

⁴ Para mais informações sobre o tema, acesse o Boletim 1 de Políticas Públicas para a Primeira Infância: Crianças de 0 a 3 anos precisam ter acesso à educação infantil no Brasil em www.ciespi.org.br.